



Título:	PSICOFÁRMACOS E ADOLESCÊNCIAS: REFLEXÕES SOBRE MEDICALIZAÇÃO A PARTIR DE UMA PESQUISA NO CONTEXTO ESCOLAR		
Autores:	Jodéli Fabiana Dreissig Cibele da Silva Bohn Bernardo Teles Maria Carolina Magedanz Letiane de Souza Machado Alíssia Gressler Dornelles Edna Linhares Garcia		
Área	[x] Humanas [] Sociais Aplicadas [] Biológicas e da Saúde [] Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	[] Ensino [x] Pesquisa [] Extensão [] Inovação
Resumo: O alastramento do uso de medicamentos sedativos barbitúricos ou tranquilizantes benzodiazepínicos corresponde a um problema de saúde na contemporaneidade, sendo seus efeitos compreendidos e analisados através do conceito de medicalização da vida. As adolescências, em seus diferentes modos de existência, não estão alheias a esse fenômeno. Nesse sentido, o presente resumo tem como objetivo apresentar o perfil geral, a taxa de uso e os medicamentos utilizados por adolescentes, a partir da pesquisa “ <i>Produção de Sentidos Acerca da Drogadição: panorama do uso de drogas sob o enfoque do adolescente e da família na intersecção do contexto escolar, PSE e CAPSia em Santa Cruz do Sul</i> ”, desenvolvida pelo Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (Grupad). Para esta, foram visitadas cerca de 20 escolas da região do Vale do Rio Pardo, onde foram coletados os dados de 394 participantes, por meio de um questionário com 70 questões. Os adolescentes que frequentavam o Ensino Fundamental (8º e 9º anos) correspondem a 44,44% da amostra (n=29), e do Ensino Médio, 53,96% (n=34). A média de idade dos respondentes foi de 15 anos. Dentre os resultados, destaca-se o uso e os tipos de psicofármacos citados pelos adolescentes. Da amostra, 16% (n=63) responderam que fazem uso dessas medicações e 13,20% (n=52) não souberam ou não quiseram responder. Quanto ao perfil, 65,07% (n=41) se declararam brancos, 1,58% indígena (n=1), 1,58% amarelo (n=1), 22,22% parda (n=14), 3,17% preta (n=2) e 6,34% não responderam (n=4). Quanto a identidade de gênero, 40 se identificaram como mulheres cisgênero (63,5%), 19 homens cisgênero (30,15%) e quatro não responderam (6,34%). A partir dos dados obtidos, observou-se uma banalização do uso de medicamentos benzodiazepínicos entre os adolescentes, acompanhada de um desconhecimento acerca dos seus efeitos adversos. Entre os fármacos mais utilizados estão: o Clonazepam, indicado por 7, o Rivotril, por 3 e o Alprazolam, por 2. Tiveram uma menção os medicamentos: Anestesia, Bombinha, Codeína, Desvenlafaxina, Depakote, Escitalopram, Prometazina, Ritalina e Sertralina. O número de adolescentes que mencionou o uso de psicofármaco em relação aos medicamentos citados indica que mais da metade da amostra pode não saber o tipo de medicação que usa. Além disso, o desconhecimento da			



medicação suscita a hipótese de que muitos podem desconhecer os efeitos e a correta administração das medicações que utilizam, representando um risco à saúde. O ritmo de vida acelerado da atualidade pode ter relação com essa busca por substâncias de efeito sedativo, utilizadas muitas vezes como forma de lidar com as inúmeras exigências cotidianas. Isso porque, na maioria das vezes, esses sintomas manifestos estão atrelados ao modo de organização social. A pesquisa, realizada em escolas públicas, revelou que a medicalização da vida adentrou os muros da escola. Este fenômeno complexo, cujos sintomas paliados possuem lastro social, representa a forma como temos lidado com a vida, e sinaliza a importância de ampliar espaços de diálogo sobre o uso de medicamentos sedativos barbitúricos e tranquilizantes benzodiazepínicos com as comunidades escolares. Assim, a educação em saúde se mostra como um caminho necessário diante desse cenário, pois possibilita a conscientização e um letramento para o cuidado em saúde dos adolescentes.

Link do Vídeo:

[https://drive.google.com/file/d/1drZMyavgnXGByt6CLvPdIB8rylJ0YINh/view.](https://drive.google.com/file/d/1drZMyavgnXGByt6CLvPdIB8rylJ0YINh/view)